

música brasileira antes do jazz, era aquele sambão básico. Mas quando surgiu o João Gilberto e o Tom Jobim com aqueles acordes, todos prestaram muita atenção. Quem pôde acompanhar mudou, quem não pôde ficou tocando samba.

Me lembro que fui tocar com o Dick no MAM do Rio de Janeiro e, à noite, fui assistir a um show no Beco das Garrafas. O baterista começou a tocar de um jeito que nunca tinha visto. Era o Edison Machado, um destes bateristas que criaram um estilo completamente novo e que, se não fosse por eles, nós estaríamos tocando as mesmas coisas. Edison incorporava estilos, como o de Elvin Jones. Outra músico importante, foi o Milton Banana, que criou um tipo de samba mais rítmico e fez escola.

Como foi a entrada da bossa nova nos E.U.A. ?

CS - Houve primeiro o Carnegie Hall (*famosa casa de shows onde aconteceu o primeiro show da bossa nova nos EUA*), que não participei. Todos os músicos de Nova York foram assistir às apresentações do conjunto do Sérgio Mendes, de João Gilberto e Tom Jobim.

Os americanos não entenderam os brasileiros, viram que aquilo era coisa nova e não conseguiram explicar. Mas o Jobim, que era muito vivo, cantou suas músicas em inglês e logo os americanos quiseram gravá-las. Foi assim que a bossa nova pegou, porém de um jeito muito comercial. Nesse segmento, só o Jobim continuou.

Como foi o seu período com Sérgio Mendes. E quando você começou a ingressar no mundo das gravações?

CS - Depois de gravar com o organista Walter Wanderley o disco *Rain Forest*, que fez muito sucesso pois tinha "Samba de Verão", passei a gravar bastante. Eu era amigo do Creed Taylor, o produtor que tinha muito gosto pela música brasileira, e então fui para Los Angeles. Morando lá, comecei a entrar em estúdio para gravar trilhas para filmes e televisão, e no meio disso músicas brasileiras interessantes.

Era também amigo do Tião Neto, contrabaixista do Sérgio, e por meio dele o conheci. O Sérgio me convidou para tocar com ele pois o Dom Um (*Romão*,

baterista) iria sair. Entrei, fiquei quase nove anos e viajei o mundo inteiro. Foi um período muito interessante musicalmente porque o Sérgio tinha alguns discos comerciais, mas fazia discos alternativos que não eram compreendidos pelo público. No entanto, eram adorados por músicos e críticos de arte.

Você também trabalhou com Willie Bobo, um grande percussionista da música latina. De onde vem essa sua versatilidade de tocar estilos tão diferentes ?

CS- De gostar. Adoro muitos tipos de músicas diferentes como samba, música latina e jazz. Quando não sei tocar alguma coisa, eu logo ouço e já tento "enganar" (*risos*). Quando se é bitolado e tem que estudar muita coisa antes de tocar, fica difícil. É preciso estar aberto e ter a sensibilidade de gostar do que se vai ouvir e tocar. Acho que o músico não deve se prender no papel e ficar lendo música, para que possa ter mais liberdade.

Mas você lê?